

FORMAÇÃO DE COMUNICADORES COMUNITÁRIOS AMBIENTAIS MIRINS

Coordenador: ILZA MARIA TOURINHO GIRARDI

Autor: SAMANTHA KLEIN DA SILVA PINTOS

A Fabico tem um convívio de vizinhança com a Vila Planetário, cujos moradores em sua maioria são papeleiros. Há uma população muito elevada de crianças, algumas das quais freqüentam o pátio da faculdade e a Biblioteca Escola diariamente. O fato da maioria da comunidade ser constituída por papeleiros implica em uma série de problemas ambientais decorrentes do descarte de materiais nas vias públicas da própria comunidade e no Arroio Dilúvio. Este contexto inspirou a realização deste projeto, que surgiu com o espírito de proporcionar as crianças atividades que lhes permitisse o desenvolvimento da percepção ambiental e uma avaliação de suas atitudes, em relação aos cuidados necessários para preservação do meio ambiente, desde a sua casa aos ambientes mais distantes. Para realizá-lo pensamos em juntar o jornalismo, a comunicação comunitária e a educação ambiental, campos que atualmente têm muitos aspectos convergentes. O jornalismo é uma atividade que deve se colocar a serviço da cidadania, embora cotidianamente os interesses econômicos atropelam este objetivo básico da profissão. A comunicação comunitária deve estimular processos comunicacionais nas comunidades, para que desencadeiem o interesse pela participação na gestão da própria comunidade, como também da cidade. Deve criar canais de comunicação para que a comunidade se expresse. Nesta perspectiva, este projeto aproveita os conhecimentos do jornalismo, da comunicação comunitária e da educação ambiental para, ao aprender as técnicas de jornalismo necessárias para a elaboração de um jornal mural para a comunidade, as crianças possam fazer uma reflexão sobre a degradação ambiental e o que pode ser feito individualmente e coletivamente para reverter a situação. A esta atividade de jornalismo ambiental comunitário, denominamos de comunicação comunitária ambiental mirim, já que é exercida por pessoas que não têm o diploma de jornalista. O trabalho iniciou somente em maio, com a ajuda do presidente da Associação dos Moradores da Vila Planetário, senhor Antônio Maciel, que fez a divulgação das oficinas e as inscrições das crianças. Estamos na fase inicial, mas esperamos que as crianças possam experimentar os resultados da boa prática jornalística, quando sentirem a repercussão do jornal mural comunitário que irão elaborar. Perceberão que a comunidade tem o direito de ser informada corretamente para que possa agir com mais segurança. Como toda a

cidade, a Vila Planetário tem problemas ambientais, um deles é a disposição na rua dos materiais que os papeleiros descartam por considerarem que não servem para a reciclagem. Muitos outros aspectos poderão ser observados pelas crianças na medida do desenvolvimento de sua percepção ambiental. Nesse sentido o projeto se insere numa proposta maior de construção de uma vida sustentável. A experiência tem demonstrado que um bom caminho para a mudança é aquele que acolhe as crianças. Do lado da FABICO, o projeto é um importante espaço de formação, trocas e aprendizado para os estudantes de jornalismo, que terão mais uma oportunidade de colocarem seus conhecimentos à disposição da cidadania. O projeto tem por objetivo geral formar comunicadores ambientais comunitários mirins. Os objetivos específicos são: a) oferecer subsídios para que o desenvolvimento da percepção ambiental das crianças; b) capacitar as crianças a redigirem notícias e elaborarem um jornal mural comunitário, dirigido à comunidade da Vila Planetário; c) estimular nas crianças o gosto pela leitura de jornais e revistas; d) colocar à disposição das crianças elementos que as auxiliem a desenvolver uma visão crítica sobre a produção jornalística sobre meio ambiente nos jornais, revistas e demais meios de comunicação; f) fornecer elementos para que as crianças relacionem as atitudes da vida cotidiana na sua comunidade com a qualidade de seu meio ambiente. É importante destacar que as oficinas são realizadas como uma forma de socializar as crianças participantes e dar a elas atividades não só educativas em relação à comunicação ambiental, mas também lúdicas.

Considerações finais Abrimos inscrições para crianças de 10 a 15 anos, que soubessem ler e escrever pela natureza do trabalho que pretendíamos desenvolver. Porém, primeiro dia compareceram 15 crianças de seis a dezesseis anos de idade, sendo que algumas delas, mesmo com oito ou nove anos, ainda não estavam alfabetizadas. Assim, nos deparamos com uma situação não esperada. Como formar comunicadores com olhar crítico e capaz de produzir pequenas reportagens ou notícias a respeito dos problemas ambientais presentes em sua comunidade se alguns participantes não sabiam ler e escrever? Explicamos para elas a natureza do projeto e a necessidade de trabalharmos com crianças já alfabetizadas, o que não adiantou, porque algumas continuavam aparecendo. Decidimos então, não excluí-las, já que são crianças que vivem diariamente o processo de exclusão dentro da própria estrutura social da vila. Assim, são desenvolvidas atividades que permitam trabalhar com noções sobre o que é jornalismo, quais suas funções e compromissos com a sociedade. Da mesma forma as atividades permitem demonstrar o que são os meios de comunicação e qual seu papel social para que as crianças compreendam a importância do jornal que vão elaborar. Ao contrário do que ocorre com os meios de comunicação de massa, o jornal feito por eles atenderá aos interesses

da comunidade, porque será feito por pessoas da comunidade. Uma das atividades que estamos encaminhando é o desenvolvimento da escrita através da redação de pequenas notícias para a montagem do jornal mural, que será afixado em um local visível na vila. Através das oficinas, notamos que as crianças sabem o que são e como identificar os problemas ambientais, entretanto, têm pouco incentivo para procurar soluções viáveis para o meio ambiente, mesmo aquele em que vivem. Por outro lado, também conhecem alguns elementos do jornalismo e sabem reconhecer reportagens e notícias, mas percebemos que a maioria destas crianças lê pouco e por consequência tem dificuldade e pouco ânimo para escrever. Desta forma, desenvolvemos outras atividades com filmes e a participação em uma oficina sobre sementes crioulas no Museu da UFRGS para que elas pudessem relatar e analisar o que foi visto e depois fazer pequenos textos. Como gostam muito de desenhar, passamos a adotar o desenho em todos os encontros como forma de valorizar essa habilidade e estimulá-las a continuar participando. Das 15 crianças do primeiro dia, porque era um dia sem aula, em virtude de um jogo do Brasil na Copa do Mundo, estamos atualmente com uma média de seis crianças que dizem gostar muito da FABICO, mas que mesmo assim às vezes faltam às atividades. Pelo que observamos é o presidente da associação que as lembra de ir às oficinas e algumas vezes até as acompanha até a porta da faculdade. Pretendemos organizar com as crianças uma festa com a participação de seus pais, para que elas mostrem o que estão fazendo e passem a receber estímulo dentro de casa. Esperamos, assim, envolver mais a comunidade e conseguirmos melhorar a participação das crianças especialmente na produção escrita.